AS ORIGENS DO NOVO CONSERVADORISMO ESTADUNIDENSE EM UM SISTEMA FEDERATIVO: BARRY GOLDWATER E A TENTATIVA DE COALIZÃO ENTRE TRADICIONALISTAS E LIBERTÁRIOS

Luciléia Aparecida Colombo[1]

Marco Aurélio Dias de Souza[2]

RESUMO: A tradição do novo conservadorismo nos EUA foi determinante para a ampliação do debate político durante as últimas décadas, uma vez que, a partir da década de 1950 inseriu e fomentou uma série de ideias que, até então, pareciam excluídas e marginalizadas da discussão política devido ao grande sucesso eleitoral do modelo liberal creditado ao Partido Democrata. Para aprofundar esse debate, o artigo discute a importância da campanha eleitoral de Barry Goldwater, em 1964, e sua relação com a consolidação do movimento conservador no país, compreendendo como a partir dela amarrou-se uma aliança entre variadas correntes que compunham o espectro conservador, o que possibilitou ao Partido Republicano disputar novamente as eleições em um patamar de igualdade com o partido rival. Para realizar essa análise, em um primeiro momento, partimos de uma abordagem sobre o sistema federalista, com o intuito de compreender alguns de seus princípios básicos e sua influência na formação dos EUA como nação. Esse debate serve como base para uma releitura melhor contextualizada em torno de temas presentes na campanha de 1964, principalmente, no que se refere as propostas em torno do papel do Estado e relacionadas ao discurso em defesa dos interesses dos estados e da defesa da Constituição recorrentes no pleito eleitoral estadunidense. Junto a isso, aprofundamos a análise sobre as correntes que compunham o conservadorismo no país, demonstrando como elas, embora fossem muitas vezes antagônicas, se acomodaram em um projeto político conservador.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo. Federalismo. EUA.

1 Introdução

A presente proposta visa discorrer sobre as origens do novo conservadorismo nos Estados Unidos da América, o qual apresenta-se como um sistema federativo, especialmente centrando nossa análise sobre Barry Goldwater e sua tentativa de unificar tradicionalistas e libertários. Utilizamos uma fonte documental de duas vertentes: a primeira é uma bibliografia sobre o federalismo e a segunda é um conjunto de documentos sobre Barry Goldwater, que saiu como candidato presidencial em 1964,

[1] Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Bolsa PNPD/CAPES; Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

[2] Doutor em Sociologia pela FCL/UNESP.

marcando o crescimento da mobilização conservadora no Partido Republicano. Nossa proposta justiça-se sobretudo porque apesar de tentar alianças políticas importantes, Goldwater não desconsiderou os princípios federativos existentes; ao contrário: utilizou o federalismo como um canal através do qual o Governo Federal poderia agir em nome da coalizão pretendida, maximizando os interesses da coalizão. Neste sentido, ora o Governo Federal seria centralizador, evitando a participação política, ora descentralizador, atuando como um baluarte da ordem moral.

Este artigo está dividido em quatro partes. Esta introdução, um item seguinte que discorrerá sobre o federalismo, os principais conceitos e origens, uma análise sobre o posicionamento de Barry Goldwater e finalmente a conclusão.

2 Principais conceitos teóricos do federalismo

A federação é uma forma de organização político-territorial capaz de acomodar e legitimar as decisões coletivas entre os entes federados. Contrapõe-se ao modelo de Estado Unitário, no qual o governo central é superior às demais esferas de poder, relação que se estabelece por meio de um modelo piramidal e hierárquico. O modelo federalista, ao contrário, propõe o compartilhamento de decisões coletivas entre vários níveis de governo. Burguess (2006) acrescenta que o federalismo possui uma natureza multifacetada, tendo despertado interesse de vários estudiosos preocupados, por exemplo, com o entendimento de sua capacidade de acomodar diferenças. De acordo com Watts (1990), algumas características são comuns a todas as federações e dentre elas estão:

- Duas ordens de governo, cada uma atuando diretamente com seus cidadãos;
- Uma distribuição constitucional da autoridade executiva e legislativa e a alocação de recursos entre duas ordens de governo, assegurando a autonomia entre eles;
- Representação das regiões com instituições de tomadas de decisão, geralmente representada por uma Segunda Câmara;
- Uma suprema Constituição escrita, não unilateralmente emendável, requerendo o consenso de uma proporção significativa das unidades constituintes;
- Um árbitro, para regular as disputas entre os governos;
- Processos e instituições para facilitar a colaboração intergovernamental.

Para Burguess (2009), os países adotam o modelo federativo quando há uma "situação federalista", que apresenta duas características principais. A primeira pressupõe a existência de heterogeneidades numa determinada nação, vinculadas à questão territorial (grande extensão territorial ou diversidade física), à diferenças étnicas e/ou linguísticas, à disparidades socioeconômicas ou então à diversidades culturais e políticas entre as regiões de um país. A segunda condição que leva à escolha do federalismo é a ação política baseada no ideal da unidade na diversidade capaz de manter, concomitantemente, unidas e autônomas as partes de um mesmo território.

Esta visão moderna do federalismo e a organização do Estado Federal datam do final do século XVIII, momento em que James Madison, Alexander Hamilton e John Jay, os chamados "pais do federalismo", o consideravam como a melhor alternativa para o impasse político em que se encontrava a Confederação norte-americana.

Tal confederação era considerada um arranjo institucional frágil pelas elites políticas que visavam a criação de um Estado forte, capaz de defender a economia e expandir as fronteiras do país. Por outro lado, essas elites locais americanas, cada qual em suas 13 colônias, rejeitavam a criação de um Estado soberano unitário, uma vez que sempre tiveram governos autônomos. A solução encontrada pelos autores do clássico *O Federalista* foi a combinação de representação popular com uma divisão do poder contemplada por três órgãos independentes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Essa divisão valia tanto para o Governo Federal quanto para os estados. Além disso, as responsabilidades do governo eram divididas entre a União e os estados de forma que nenhum deles pudesse interferir na órbita de atuação do outro. Nascia, assim, a concepção dos *checks and balances* (freios e contrapesos), na qual os estados fiscalizam o Governo Federal e vice-versa.

O federalismo é constituído de diversos centros de poder, sem subordinação de um a outro e inexistindo hierarquia entre as células. Além disso, nenhum estado pode se sobrepor politicamente a outro, uma vez que todos estarão gravitando em torno de um eixo comum. Nas palavras de Elazar:

> The model of federalism is the matrix, a network of arenas within arenas. These arenas are distinguished by being larger or smaller rather than 'higher' or 'lower'. The organizational expression of federalism is noncentralization, the constitutional diffusion and shaping of powers among many centers. Each cell in the matrix represents both an independent political actor constitutionally bound to the others and an arena for political action. Certain cells are larger

> and others smaller and the powers granted each may reflect that difference, but this is not a reflection of their importance. The matrix model also clearly delineates the separation of powers among the coequal branches of government – executive, legislative and judicial – in each arena where it exists. (1984, p. 3).

A garantia e a regulação do pacto federativo são expressas na Constituição e, de acordo com Stepan (1999), sua origem pode ter naturezas diversas: aquelas federações cujo propósito é de "unir" (*come together*) e aquelas cujo objetivo é "manter a união" (*hold together*). Um exemplo de federação que surge para unir é o modelo americano, copiado por vários países federativos e que tornou-se um padrão de federalismo.

Em 1787, na Confederação da Filadélfia, as unidades formaram o que Riker (1964) denominou de pacto federativo, por meio do qual as unidades soberanas se uniram, deixando poderes residuais aos estados federados. A soberania dos estados federados que concordaram em se unir foi garantida por meio de características verticais e horizontais que restringiam o conjunto dos cidadãos da *pólis* na esfera central ou, nos termos de Stepan (1999), *constrained the demos at the Center*. A nova estrutura proposta pela Convenção de 1787 necessitou de ratificação por todos os estados norte-americanos e, durante esse processo, ganharam destaque os artigos publicados pelos "Federalistas", Hamilton, Madison e Jay, que compunham o pseudônimo coletivo de *Publius*.

O sistema federal defendido por estes federalistas ficava fortalecido no âmbito do Governo central, mas procurou distanciar-se de uma centralização excessiva para não ser confundido com o Estado Unitário. Desta forma, procurava conciliar dois princípios opostos: centralizar para consolidar a formação do Estado e ao mesmo tempo, limitar a ação do mesmo, para garantir a descentralização territorial do poder político às unidades federadas.

Apesar das referências norte-americanas, algumas federações do mundo se originaram em lógicas completamente diversas. A Índia, em 1948 era um Estado com fortes traços unitários e, de maneira geral, o governo deste país decidiu que para manter a união o ideal seria transferir poder e transformar o Estado Unitário em Federações. Este país àquela época, detinha grande unidade política, mas a federação seria útil para manter esta unidade em um contexto democrático. O censo de 1991 revelou que o país possuía mais de três mil línguas maternas legalmente reconhecidas, com 33 idiomas diferentes, cada um deles falado por pelo menos um milhão de pessoas. Manter um país

com tamanha diversidade cultural e étnica passava a ser tarefa do sistema federativo e os ganhos com o federalismo foram altos para os indianos.

Stepan (1999) afirma que só podemos entender a permanência da Índia como um país democrático devido ao fato de o seu sistema federalista ter sido capaz de acomodar suas diferenças. Wheare (1946), por sua vez, afirma que o sistema indiano é um sistema quase-federal, bastante distante do modelo americano e semelhante a ele somente por suas características: federalismo e democracia.

A Constituição Indiana reservou à União o poder residual, mas em muitos aspectos contribuiu para a sustentação do federalismo multinacional da Índia. Como exemplo, a Constituição permite que uma maioria formada no plano federal e algumas minorias linguísticas das subunidades colaborem para facilitar a criação de novos estados linguísticos, com autorização do Parlamento. Essa possibilidade foi muito importante para "unificar" democraticamente a sociedade indiana. Isso devido ao fato de que a estrutura federativa da Índia permite que a esfera federal, que concentra a maioria, responda aos anseios da minoria dos estados, desejosa de maior autonomia linguística e cultural. Se a Índia tivesse optado por um Estado Unitário, nem a maioria e nem as minorias teriam sido atendidas em seus anseios diante da Constituição. Como ressalta Stepan acerca do caso indiano:

> Um sistema unitário provavelmente também não poderia dispor do vasto repertório de medidas federais que permite "manter a união" da sociedade multicultural, multilingüística, multirreligiosa indiana, com uma população de cerca de um bilhão de pessoas. A adoção de instrumentos criativos de federalização na Índia parece atender simultaneamente à diversidade e limitar às pequenas minorias as tendências separatistas. A transferência democrática de poder e a concessão de direitos a grupos específicos não tem dado origem à tendência separatista ou à violação dos direitos individuais que os teóricos dos direitos liberais receiam. (1999, p. 27).

A partir destes exemplos acima citados sobre as distintas experiências federativas, podemos afirmar que Índia decidiu pelo modelo federativo “para manter a união”, diferentemente de países como os Estados Unidos que optaram pelo federalismo “para unir”. Assim, pode-se imaginar que a origem de diferentes federações pode ser compreendida sob a imagem simbólica de um *continuum*. Em uma extremidade deste *continuum* há uma barganha voluntária, na qual as unidades que tem relativa autonomia *come together* decidem aumentar sua soberania retendo suas identidades individuais. É

o caso dos Estados Unidos, Suíça e Austrália. Por outro lado, em estados previamente existentes, do tipo *hold together* (Índia), as condições da barganha dos governos locais são distintas daquelas presentes no modelo *come together*.

Rodden (2005) chama a atenção ainda para o fato de que o federalismo envolve contratos, acordos cooperativos que devem cumprir alguma obrigação mútua. Para o autor, o contrato federal original é um acordo sobre a composição e os poderes do governo central, bem como as regras do jogo, responsáveis pela estruturação das relações federativas posteriores.

3 A aliança do novo conservadorismo: debates em torno do papel do Estado

A candidatura presidencial de Barry Goldwater, em 1964, marcou o crescimento da mobilização conservadora no Partido Republicano. Sua importância destacou-se pela tentativa de criação de uma aliança entre os setores libertários[3] e tradicionalistas com o intuito de estabelecer uma plataforma política capaz de rivalizar com a coalizão liberal[4] que transformara o Partido Democrata em um gigante eleitoral durante as décadas anteriores, ou como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1. Domínio do Partido Democrata em eleições presidenciais de 1933-1969.

Presidente	Mandato	Partido.
Franklin D. Roosevelt	1933-1945	Partido Democrata
Harry S. Truman	1945-1953	Partido Democrata
Dwight D. Eisenhower[5]	1953-1961	Partido Republicano
John F. Kennedy	1961-1963	Partido Democrata
Lyndon B. Johnson	1963-1969	Partido Democrata

Fonte: http://www.whitehouse.gov/about/presidents.

[3]É importante estabelecer desde já a diferença entre libertários e liberais nos EUA como forma de não causar confusão para o leitor. Libertários são liberais radicais contrários a intervenção estatal na vida privada, defensores do livre mercado e da liberdade individual. Por outro lado, liberais associam-se ao que compreendemos fora do país norte-americano como uma centro esquerda que defende a necessidade de intervenção estatal com o intuito de corrigir distorções socioeconômicas.

[4]Composta primeiramente pelos sindicatos, católicos e, na década de 1960, inseria a participação de minorias.

[5] Eisenhower foi o único republicano eleito durante os anos 1933 e 1969, contudo sua eleição foi motivada pelo seu papel como herói de guerra, durante a segunda guerra mundial, e não por uma proposta de governo que se diferenciasse da proposta democrata.

Ao aprofundar esse debate, percebe-se, como argumentou Rolland-Diamond (in HURET, 2008), que o final dos anos 1950 e o decorrer da década de 1960 marcaram um período de crescimento da influência conservadora no país, que abandonou seu caráter minoritário marginalizado durante esse período para se tornarem uma das forças dominantes da política estadunidense durante as décadas seguintes.

Para que se entenda esse processo é importante destacar as correntes intelectuais que compõe a ideia de novo conservadorismo nos EUA. Nash (1996) destacou que a mobilização do novo conservadorismo no país teve sua origem a partir de três grandes correntes: os libertários ou defensores do liberalismo radical (pautado pela ideia de livre mercado, Estado mínimo e pela defesa da liberdade individual), os tradicionalistas (preocupados com a defesa dos valores, costumes e tradições) e a entrada dos evangélicos na política a partir da década de 1970 (motivados pela rejeição às mudanças legais ocorridas na sociedade estadunidense a partir dos anos 1960). Como ponto em comum entre essas três correntes estava a aversão à União Soviética e ao "comunismo", analisado pelos espectros conservadores como um Estado autoritário, centralizador e contrário aos valores religiosos.

Logicamente, ao tratar especificamente da candidatura de Goldwater essa passagem do artigo concentra-se exclusivamente nas duas primeiras correntes, pois, elas despertaram no país durante as décadas de 1950 e 1960, rivalizando-se nas primeiras revistas e grupos conservadores do país. Por esse motivo, a campanha presidencial de 1964 foi vital para a consolidação do conservadorismo, ao tentar pela primeira vez unificar essas correntes sob uma plataforma comum. Nesse sentido, o debate parte de dois pontos: O primeiro discute as origens das ideias conservadoras englobadas na campanha do candidato republicano e o segundo analisa a disputa no interior do próprio Partido Republicano entre liberais e conservadores, mostrando com isso que a indicação de Goldwater nas prévias republicanas foi mais uma tentativa de derrotar o partido rival do que um consenso em torno de uma plataforma conservadora.

Para entender o primeiro ponto, é importante discutir que, como apontou Edwards (2007), a rivalidade entre tradicionalistas e libertários teve início desde os primeiros textos que nortearam esses movimentos. Para o autor, quando Frank Meyer[6] se tornou um libertário, ele passou a criticar a obra do tradicionalista Russel Kirk, *The*

[6]Meyer era um jovem ativista comunista que durante a década de 1950 rompeu com o movimento colocando-se como libertário e ao longo dos anos foi se transformando em um "fusionista" associando ideias libertárias e tradicionalistas.

Conservative Mind, por considerar que Kirk tinha pouco conhecimento sobre as ideias e as instituições para uma sociedade livre. Ao mesmo tempo, Kirk questionava que as ideias libertárias eram um "atomismo social" anticristão que levaria a sociedade a anarquia, enxergando que apenas os costumes, a tradição e o conhecimento dos ancestrais constituíam uma fundação sólida para a construção de uma sociedade.

Em termos gerais, a principal diferença em torno de tradicionalistas e libertários estava na maneira como eles compreendiam o papel do governo federal. Os tradicionalistas defendiam a necessidade de um Governo Federal forte, capaz de proteger os valores da nação contra o crescimento de novos valores culturais, advindos das minorias e de ideias estrangeiras como o próprio marxismo. Junto a isso, eles defendiam a autonomia legal dos estados, colocando-se contra as legislações federais que impediam a segregação racial, ou, que definiam direitos à grupos minoritários. Já os libertários caracterizavam-se por uma forte recusa ao fortalecimento do governo federal, defendendo que suas funções deveriam ser apenas a defesa do território, a manutenção da lei e a defesa da constituição.

O debate entre tradicionalistas e libertários deixava claro o quão antagônicas eram as diretrizes dos dois movimentos, entretanto, a dominância do liberalismo provocada pelo sucesso do *New Deal* e as novas alianças que se construíam no interior do Partido Democrata faziam com que a maioria dos professores e estudantes universitários defendessem as ideias liberais como única solução para os problemas da nação. Como resultado, embora antagônicos, os libertários e tradicionalistas faziam parte de grupos políticos e revistas comuns, onde, travavam sua disputa pelo controle das ideais conservadoras que floresciam no país. Esse debate entre defensores de um liberalismo radical e defensores da tradição ganhou maior visibilidade a partir de dois eventos.

O primeiro ocorreu quando William F. Buckley Jr. fundou, em 1955, a revista *National Review.* Segundo Riehl (2007), a publicação partia da ideia de retórica contínua[7] e abriu espaço para que intelectuais e ativistas conservadores debatessem suas ideias, criando um fórum de discussão indispensável para o movimento nascente. Porém, esse canal de debate não era de maneira algum harmonioso, Edwards (2007) discutiu que a *National Review* inseria a produção de autores tradicionalistas, libertários e anticomunistas que, embora formassem a espinha dorsal do novo conservadorismo, tinham muito pouco em comum.

[7] Que se tornou uma das grandes marcas do conservadorismo no país, sendo adotada por Nixon no início dos anos 1970 que considerava a necessidade de manter uma campanha e divulgação de ideias constantes.

Em uma linha semelhante de atuação, o segundo evento importante a ser debatido aqui foi a criação da organização estudantil *Young Americans for Freedom* (YAF), que, de acordo com Rolland-Diamond (2008), tinha a ambição de "*abrir a reconquista conservadora do país".* Com fundação no outono de 1960, na residência de Willian F. Bucley Jr.[8], por tradicionalistas e libertários, que estudavam em universidades tradicionalmente conservadoras como a *North Western University* em Chicago, a *Colorado University* em Boulder, entre outras, a organização foi o principal bastião da resistência conservadora aos movimentos estudantis que ganhavam destaque durante a década e, da mesma forma que a *National Review,* também possuía em suas fileiras jovens libertários, tradicionalistas e anticomunistas que em muitos momentos se digladiavam a respeito de temas que relacionavam a intervenção do Estado na sociedade.

A importância da *Young American for Freedom* é notada porque a partir de sua mobilização[9] e das disputas no interior da organização originou-se uma grande quantidade dos quadros conservadores existentes na atualidade, entre eles: a *American Conservative Union* (fundada em 1964 por Buckley), o Partido Libertário (1971) e o *The Conservative Caucus* (fundado em 1974 por Howard Phillips).

Vale destacar também que, esses jovens conservadores participaram ativamente da campanha presidencial de Barry Goldwater, trazendo uma importante força rejuvenescedora para os ativistas republicanos e reforçando uma ideia de se ter orgulho por ser conservador. Nesse sentido, a influência de Goldwater foi vital para que isso ocorresse, afinal, se libertários e tradicionalistas não se entendiam no interior dos primeiros grupos e revistas do novo conservadorismo, o senador pelo Arizona, trazia uma proposta que aglutinava ideais libertários e tradicionalistas.

Com a publicação, em 1960, de seu livro *The Conscience of a Conservative,* o político republicano causou um incrível furor no país, ao vender mais de 3 milhões e meio de cópias e tornar a publicação o manifesto político de maior sucesso durante o século XX nos EUA. O sucesso do livro de Goldwater foi tamanho que, segundo o documentário, dirigido por Julie Anderson (2008), muitos jovens passaram a se definir publicamente como conservadores, o que ocorria porque Goldwater tratava de temas

[8] Nash(1996) apontou que o movimento foi criado dois anos antes da *Students for a Democratic Society* (principal organização estudantil da esquerda estadunidense) e disputou com eles a dominância das ideias entre os estudantes universitários.

[9] Durante sua história eles se mobilizaram em uma grande variedade de temas como os *Youth for the Voluntary Prayer Amendment* e a *Student Commitee for the Right to Keep and Bear Arms.*

que pertenciam ao senso comum da grande maioria da população, como o constante crescimento dos gastos públicos e a rejeição a uma carga tributária alta.

Em somatória, o livro defendia a liberdade legal dos estados, a luta contra o comunismo e a livre concorrência. Para Goldwater, a liberdade estava em perigo porque as lideranças e os membros de ambos os partidos estavam engajados em conseguir cada vez mais poder e, para isso, eles ignoravam ou interpretavam de maneira errada a Constituição. Como foi debatido na passagem anterior de nosso artigo, a importância da Constituição para o Estado Federalista está exatamente na representação de um consenso entre os interesses da unidades da federação, e pela visão do político conservador, as decisões políticas que vinham sendo tomadas pelo governo federal desbalanceavam a relação de poder entre o Governo Federal e os estados, substituindo consenso por decisões unilaterais. Ao questionar isso, Goldwater colocava, tanto para liberais quanto para as antigas lideranças conservadoras do país, que uma nova geração de conservadores estava disposta a trabalhar duro para transformar o país, alterando essa sede pela concentração de poder.

É nesse espírito de transformação que surgiu a sua indicação presidencial, pautada em uma busca dentro dos quadros políticos republicanos por um nome que rompesse com a tradição liberal instaurada no país que acreditava em um Estado mais participativo na diminuição das desigualdades. Richard Viguerie[10]afirmou que o político era tudo o que o Partido Republicano tinha e que ele precisava mostrar que as lideranças estavam levando o partido para uma direção errada. Assim, se as disputas eleitorais entre os dois partidos pareciam, até então, desiguais ou até mesmo injustas, devido ao forte apelo que as políticas liberais, implantadas nos anos anteriores, traziam a favor do Partido Democrata, a escolha de Goldwater representava uma tentativa de mobilizar a população contrária ou insatisfeita a elas.

Martin (1996) mostrou que Goldwater acreditava que o Partido Republicano não era vitorioso por causa de sua incapacidade de fazer com que os setores conservadores da sociedade fossem às urnas. Isso ocorria, pois permitia que as brigas internas afastassem os eleitores do partido, ideia que ficou clara em seu discurso na convenção republicana, ao qual ele lançou sua campanha:

> Nós temos perdido de eleição em eleição porque conservadores republicanos estão furiosos e ficam em casa. Esse país é tão importante para que qualquer

[10] MR. CONSERVATIVE: GOLDWATER ON GOLDWATER, 2006.

> homem fique em sua casa somente por não concordar com algo. Vamos crescer conservadores! Vamos, se vocês querem tomar esse partido de volta como eu penso que a gente pode um dia, então vamos trabalhar. (MR. CONSERVATIVE: GOLDWATER ON GOLDWATER, 2006).

Atrair os eleitores conservadores significava, desenvolver uma plataforma política que atenuasse as diferenças entre libertários e tradicionalistas. Segundo Edwards (2007), isso ocorreu já no discurso de lançamento de sua campanha, onde, ao mesmo tempo em que Goldwater propunha combater o crescimento canceroso do Governo Federal, deixando que as pessoas utilizassem seu dinheiro por conta própria, ele também prometia não abandonar os necessitados, os idosos e se colocava moralmente como um opositor as bandeiras baseadas em "dramas minoritários" e a "valores pornográficos".

Sua plataforma política em 1964 refletia uma ideia de radicalismo, ou, como argumentou Martin (1996), representava a necessidade do político conservador apresentar-se com argumentos totalmente antagônicos aos da plataforma de um candidato liberal e democrata. Goldwater fazia isso da maneira mais caricata possível, trajando roupas de cowboy e defendendo seus argumentos sem se preocupar com os efeitos negativos que sua fala poderia trazer para sua imagem política[11]. Para ele, o político deveria estabelecer uma agenda focada em uma parcela específica da população, conseguindo assim o apoio incondicional dela e, consequentemente, a discordância extrema de outra.

Para que se possa entender a obrigatoriedade desse radicalismo, é preciso aprofundar o segundo ponto tratado nessa passagem do artigo, retomando os motivos da aproximação conservadora com o Partido Republicano. Apesar dos dois partidos não possuírem, até os anos 1960, grandes diferenças em suas agendas, visto que, o Partido Republicano era dominado por setores liberais e moderados que pouco se diferenciavam dos candidatos democratas, o sucesso do *New Deal* tinha atraído o apoio de uma forte base eleitoral para o Partido Democrata, o que foi aprofundado, em seguida, com a aprovação do *Civil Rights Act*.

É importante perceber que, em um sistema eleitoral onde o voto não é obrigatório, esse alinhamento de eleitores ao partido rival provocava a ideia de que o Partido Republicano somente seria vencedor se houvesse a fomentação de uma identidade diferente da assumida pelo partido rival, o que colocava o novo conservadorismo e o

[11]Esse posicionamento vinha da crença de que o político deveria enfrentar seus oponentes de peito aberto, defendendo suas ideias e seus valores.

enfraquecimento da influência de setores liberais e moderados no interior do Partido Republicano como uma solução plausível.

Essa radicalização conservadora fez com que setores liberais, temendo os possíveis rumos que a candidatura de Goldwater poderia trazer, passassem a combatê-la intensamente durante as prévias republicanas. Entre eles destacava-se o liberal/moderado Nelson Rockefeller, que disputou as prévias republicanas de 1964 contra Goldwater. Rockefeller preocupava-se com essa reestruturação do partido e percebia que existia um perigo real de subversão realizada por uma minoria conservadora radical, bem disciplinada e bem financiada[12]. O confronto entre as duas correntes foi tão intenso, que mesmo após a vitória do candidato conservador nas prévias, e com Rockefeller declarando apoio a ele para as eleições, muitos do grupo pró Rockefeller se recusaram a apoiá-lo contra Johnson.

Após a vitória de Goldwater nas prévias republicanas e a consequente adoção de uma plataforma conservadora pelo partido, a campanha presidencial de Barry Goldwater contra Lindon B. Johnson alterou também a percepção que uma parcela significativa da população tinha sobre o Partido Republicano e abriu ainda mais o caminho para que uma ampliação da influência de setores conservadores no *GOP*[13]. O que resultou, em pouco mais de dois anos, uma ruptura entre as trajetórias políticas dos dois principais partidos fazendo com que eles distanciassem suas agendas.

Pensando propriamente em termos eleitorais, os diferenciais da campanha de Goldwater foram a maneira de mobilizar e ter contato com os eleitores e uma nova proposta de financiamento. Crawford (1980) afirmou que Goldwater foi o primeiro candidato a financiar uma campanha em larga escala através da utilização de malas diretas, enviando mais de 15 milhões de pedidos doações para a campanha e arrecadando cerca de 380.000 contribuições de 100 dólares cada. Essa nova forma de arrecadar tornou-se a base para as futuras estratégias de financiamento em campanhas vencedoras do partido, contudo, ela não foi suficiente para conseguir eleger o político conservador.

Embora não tenha vencido as eleições, a campanha de Goldwater foi eficaz em cinco estados que compunham o *Deep South*[14], sendo derrotada em apenas um[15], o que

[12] Martin (1996).
[13] *Grand Old Party* maneira como o Partido Republicano é conhecido.
[14] Existem duas leituras diferentes dos estados que compõe o *Deep South,* uma coloca os estados Alabama, Geórgia, Luisiana, Mississipi e Carolina do Sul e a segunda parte dos estados confederados (durante a guerra civil) acrescentando aos cinco estados anteriores citados a Flórida e o Texas.

indicava ao partido a possibilidade de ampliação de sua base eleitoral na região, tradicionalmente dominada por democratas sulistas.

Essa aproximação do Partido Republicano com a tradição sulista foi também motivada pela campanha realizada pelo Partido Democrata e por Johnson, que extrapolava a crítica ao trabalho de Goldwater como senador, sobretudo, devido ao seu posicionamento antagônico aos direitos civis, ao qual, estava a consideração de que apesar da discriminação ser algo errado, não era papel do governo ditar regras sobre a liberdade de conduta privada[16], o que fez com que Goldwater fosse um dos oito senadores a votar contrariamente ao *Civil Rights Acts* de 1964.

Essa contrariedade de Goldwater ao *Civil Rights Acts* tinha sua origem centrada em argumentos que defendiam o federalismo e estava alicerçada na disputa histórica sobre quais seriam as atribuições do Governo Federal. Contudo, se para o político conservador a questão pautava-se na ideia de que o Governo Federal não teria autoridade regulatória sobre questões como emprego, educação e acomodações públicas, para seus adversários, durante a campanha eleitoral, essa contrariedade rapidamente tornou-se um dos motivos para que ele fosse acusado de racista e, em determinados momentos, de lunático, de inimigo da segurança social e de defensor da *Klu Klux Klan*.

A propaganda democrata rapidamente jogou os movimentos pelos direitos civis contra o candidato e, mesmo com Roy Wilkins (diretor executivo da NAACP[17]) defendendo que ele não acreditava que Goldwater era racista e que ele apenas estava defendendo que o Governo Federal não podia decidir pelos estados, o candidato passou a ser duramente atacado pelos jornais e a ser alvo das manifestações populares (entre elas uma grande marcha em Washington). Esse antagonismo à Goldwater fez com que muitos republicanos ligados a ala mais liberal do partido se transferissem para o partido rival.

A campanha de Goldwater, mesmo com a vitória avassaladora de Johnson (com aproximadamente 62% dos votos), trouxe à tona as reivindicações de setores conservadores da sociedade americana, sendo assim, a tentativa embrionária de se chegar ao poder por parte deles. Garcia (2012) acrescentou que a campanha quixotesca de Goldwater deu esperança aos conservadores, como exemplo disso, ele citou o

---

[15] Phillips (2006).
[16] Buchanan (in Goldwater, 1990).
[17] *National Association for the Advancement of Colored People*.

exemplo de Steve Bartlett[18], fundador do primeiro *Young Republican Club*[19] em Oak Cliff/Dallas, e que, no dia seguinte ao resultado da disputa eleitoral, desfilou na *Kimball High School*[20] com um emblema que marcava o número 27, para lembrar a todos que Goldwater tinha conseguido 27 milhões de votos.

Dessa forma a campanha de Goldwater mostrou que seria possível governar o país, ou, ao menos, que era possível romper a dominância liberal impedindo os crescentes avanços do liberalismo na sociedade. Para isso, era preciso explanar que existia um projeto conservador e que, embora virtualmente invisível, ele se diferenciava e muito do liberal.

4 Conclusão

Analisar a ascensão do novo conservadorismo nos Estados Unidos a partir da coalisão originada pela candidatura de Goldwater, coloca a urgência de questionar até que ponto o comprometimento puramente com as ideias se estabelece durante uma campanha eleitoral, visto que, para unificar uma plataforma comum, o candidato republicano várias vezes flertou tanto com a ampliação do poder do Governo Federal, principalmente, quando o tema era a luta contra o comunismo e a defesa dos "valores morais" da nação, assim como, ele também defendeu a manutenção do sistema de *Checks and Balance* ao defender que o Governo Federal não possuía o direito de impor legislações aos estados, como no caso das leis antissegregacionistas. Essa ambiguidade, fazia com que a ideia da importância de um Governo Federal "forte" ou "fraco" não dependesse unicamente de crenças político-filosóficas e estivesse amarrada aos interesses de grupos, em um sentido que, ele deveria ser ativo quando se tratava de regular alguns temas, mas deveria ser pouco participativo quando se referia a outros.

Essa grande pluralidade de ideias presente no interior do novo conservadorismo no país estabeleceu um duplo caráter em sua mobilização durante a história, uma vez que, por um lado, a multiplicidade de correntes fazia com que os conservadores sempre possuíssem uma resposta convincente para as demandas populares, hora negando o crescimento do Estado, hora defendendo a participação ativa dele.

Por outro lado, o discurso extremamente plural e em muitos momentos antagônico dos grupos que compunham o movimento dificultaram a governabilidade nos momentos

[18]Bartlett foi congressista pelo Partido Republicano de 1983 até 1991.
[19]Grupo de estudantes ativistas a favor da campanha de Goldwater.
[20]Escola de segundo grau onde estudava.

em que conservadores conseguiram chegar ao poder, o que pode ser indicado pela constante ruptura entre correntes conservadoras durante as últimas décadas. Como exemplo disso, destacamos a eleição de Ronald Reagan em 1980, onde, pela primeira vez na história do país um candidato republicano foi eleito a partir da união de grupos do novo conservadorismo. Reagan teve sua campanha fortemente apoiada no tripé do novo conservadorismo sendo levado à presidência por uma união de liberais radicais, tradicionalistas e evangélicos conservadores. Porém, após sua eleição, a influência desses grupos sobre sua administração não foi tão uníssona quanto o apoio durante a campanha, visto que, Reagan aproximou-se do discurso liberal radical ao cortar programas sociais, ao mesmo tempo em que, alimentou os desejos tradicionalistas ao ampliar os gastos militares, avolumar o antagonismo com a União Soviética e manteve o interesse de setores religiosos conservadores em seu governo sem tomar grandes decisões que avançasse as demandas desse movimento. Assim, se Goldwater durante a década de 1960 fez um primeiro esforço para gerar uma unidade conservadora, o que possibilitou a eleição de Reagan quase duas décadas depois, Reagan governou sob a instabilidade dessa aliança e de sua complexa compreensão sobre o papel do Estado e o funcionamento do sistema federalista estadunidense.

5 Referências:

BURGUESS, M. Between a rock and a hard place: the Russian federation in comparative perspective. In: ROSS, C; CAMPBELL, A. (Eds.). **Federalism and local politics in Russia**. Routledge, pp. 25-53, 2009

_____. **Comparative federalism. Theory and practice**. New York: Routledge, 2006.

CRAWFORD, **A. Thunder on the Right.The "New Right" and the Politics of Resentment**. New York: Pantheon Books, 1980.

EDWARDS, L. **The Conservative Consensus: Frank Meyer, Barry Goldwater, and the Politics of Fusionism**. The Heritage Foundation, 2007. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/2007/01/the-conservative-consensus-frank-meyer-barry-goldwater-and-the-politics-of-fusionism>. Acessoem: 15 jul. 2014.

ELAZAR, D. **American federalism: a view from the states**. Third Edition: New York, Harper & Row, 1984.

_____. **Exploring Federalism**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 1987.

_____. **Federal system of the world**. New York: Stockton Press, 1994.

_____. **Self-Rule/Shared Rule: federal solutions to the Middle East conflict**. Lanham: University Press of America, 1984.

_____. The role of Federalism in Political Integration. In: ELAZAR, D. J. (Org.). **Federalism and Political Integration**. Tel Aviv: Israel, Turtledove Publishing, pp. 13-57, 1979.

ELAZAR, D.; KINCAID, J. **The covenant connection: from federal theology to modern federalism**. Lanham: Lexington Books, 1994.

GARCIA, G. **Reagan's Comeback.Four Weeks in Texas That Changed American Politics Forever**. San Antonio: Trinity University Press, 2012.

GOLDWATER, B. **The Conscience of a Conservative**. Washington, DC: Regnery Gateway, 1990.

_____ **Goldwater's 1964 Acceptance Speech**.Washington Post Company, 1998. Disponívelem:<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/daily/may98/goldwaterspeech.htm>. Acesso em: 9 jan. 2012.

HURET, R. (org) **Les Conservateurs Américains Se Mobilisent**. L'autre culture contestataire. Paris: Autrement, 2008.

MARTIN, W. **With God on Our Side. The Rise of the Religious Right in America**. New York: Broadway Books, 1996.

NASH, G. H. **The Conservative Intellectual Movement in America.Since 1945**. Delaware: Intercollegiate Studies Institute, 1996.

PHILLIPS, K. **American Theocracy. The Peril and Politics of Radical Religion, Oil, and Borrowed Money in the 21st Century**. New York: Penguin Group, 2006.

RIEHL, J. *The Federalist Society and Movement Conservatism: How a fractious coalition on the right is changing constitutional law and the way we talk and think about it*. 2007. 342. Tese de Doutorado – University of North Carolina. Chapel Hill, 2007.

RIKER, W. H. **Federalism: Origin, Operation, Significance**. Boston: Little, Brown, 1964.

ROLAND-DIAMOND, C. Les Campus Américains, Avant-Garde de la Révolution Conservatrice. In : HURET, R. (org) **Les Conservateurs Américains Se Mobilisent. L'autre culture contestataire**. Paris: Autrement, pp.37-51, 2008.
RODDEN, J. Federalismo e descentralização em perspectiva comparada: sobre significados e medidas. Curitiba : **Revista Sociologia e Política**, 2005.

SORMAN, G. **La Révolution Conservatrice Américaine**. Paris: Fayard, 1983.

STEPAN, A. **Authoritarian Brazil: origins, policies, and future**. New Haven: Yale University Press, 1973. Second hardcover printing, 1975. Yale paperback, sixth printing, 1985.

_____. Para uma nova análise comparativa do federalismo e da democracia: federações que restringem ou ampliam o poder do Demos. **Dados**, vol. 42, n. 2, 1999, p. 197-251.
WATTS, R. L. Comparing Federal Systems in the 1990s. Ontario: Queen's University Kingston, 1990.

WHEARE, K. C. **Federal Government**. Oxford: Oxford University Press, 1946.

Filmes:
Mr. Conservative: Goldwater on Goldwater. Direção: Julie Anderson. Sweet Pea Films, 2006. 1 DVD (90 min.).